

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 36 No. 1 Janeiro - Abril 2023

ARTIGO

PAISAGEM CÍCLICA, LUGARES DE RETORNO: UM ESTUDO DE RESILIÊNCIA CULTURAL EM CERRO VENTARRÓN, LAMBAYEQUE, PERU

Marcelo Fagundes*

Marcia Arcuri**

RESUMO

Com base nos conceitos de abandono, ancestralidade, memória e resiliência, esse artigo discute temas importantes para a pesquisa arqueológica voltada à compreensão de processos de constituição da paisagem. Além das cosmografias, entende-se a paisagem composta por movimento e dinamismo relacionados ao abandono, integrante das trajetórias históricas. Como estudo de caso, apresentaremos dados do Complexo Arqueológico Cerro Ventarrón, Peru. A discussão está embasada na literatura sobre essas temáticas, nos trabalhos de campo e resultados das análises disponíveis até então. Ao fim, acredita-se que as estruturas arqueológicas Ventarrón indicam que ali o abandono foi consciente, integrado aos processos de resiliência e fio condutor de ideias que permitiram e permitem a reprodução, colaboração e reciprocidade, alicerces do pensamento social nos Andes.

Palavras-chave: paisagem; abandono; resiliência; Cerro Ventarrón; Andes Centrais.

* Doutor em Arqueologia (MAE-USP) e professor do curso de Geografia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). E-mail: marcelo.fagundes@ufvjm.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7268-9375>.

** Doutora em Arqueologia (MAE-USP) e professora do curso de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: marcia.suner@ufop.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2116-2132>.

CCYCLICAL LANDSCAPE, PLACES OF RETURN: A STUDY OF CULTURAL RESILIENCE IN CERRO VENTARRÓN, LAMBAYEQUE, PERU

ABSTRACT

This article discusses important archeological research themes aimed at understanding the processes of landscape constitution based on concepts of abandonment, ancestry, memory, and resilience. In addition to the cosmography, the landscape is understood to be composed of movement and dynamism related to abandonment, integral to the historical trajectory. We will present data from the Cerro Ventarrón Archeological Complex in Peru as a case study. The discussion is based on the thematic literature, the fieldwork, and the results of analyses available thus far. Finally, it is believed that the Ventarrón archeological structures indicate that abandonment was a conscious choice there, integrated with resilience processes and the common thread of ideas that enabled and continue to enable reproduction, collaboration, and reciprocity, the foundations of social thinking in the Andes.

Keywords: landscape, abandonment, resilience, Cerro Ventarrón, Central Andes.

PAISAJE CÍCLICO, LUGARES DE RETORNO: UN ESTUDIO DE LA RESILIENCIA CULTURAL EN CERRO VENTARRÓN, LAMBAYEQUE, PERÚ

RESUMEN

Este artículo discute temas importantes para la investigación arqueológica dirigida a comprender los procesos de constitución del paisaje, a partir de los conceptos de abandono, ancestralidad, memoria y resiliencia. Se entiende el paisaje compuesto de movimiento y dinamismo relacionado con el abandono, además de las cosmografías, como parte integral de las trayectorias históricas. Presentaremos datos del Complejo Arqueológico Cerro Ventarrón (Perú) como estudio de caso. La discusión se basa en la literatura sobre el tema, en el trabajo de campo y en los resultados de los análisis disponibles hasta el momento. Por tanto, se constata que las estructuras arqueológicas de Ventarrón indican un consciente abandono, integrado a los procesos de resiliencia, y un hilo conductor de ideas que permitieron y permiten la reproducción, la colaboración y la reciprocidad, fundamentos del pensamiento social en los Andes.

Palabras clave: Paisaje, Abandono, Resiliencia, Cerro Ventarrón, Andes Centrales.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é a discussão de temas importantes para a pesquisa arqueológica na costa norte do Peru voltada à compreensão de processos de constituição da paisagem, a partir da ótica dos conceitos de abandono, ciclos, ancestralidade, memória e resiliência cultural. Partimos do pressuposto que uma paisagem é composta por movimento e dinamismo relacionados ao abandono, visto como um fenômeno cultural, e constituída a partir das cosmografias, além de ser parte integrante das trajetórias históricas. Há processos de planejamento e antecipação ao abandono, inclusive diante de fenômenos como o *El Niño-Southern Oscillation* (ENSO)¹ e outras tantas catástrofes naturais; ou aquelas de mudanças de ordem social, político-religiosa (trocas de poder, hierarquias, conflitos, migrações, entre outros) ou, ainda, frente à combinação desses fatores (LANGE, 2003). Perante as rupturas significativas, as sociedades procuram mecanismos de regulação e ordenamento. Em muitos casos conhecidos da Antiguidade, esses movimentos são mediados pela ritualidade que regula ciclos de mudança e/ou ruptura.

Especificamente entre os povos andinos (e outros ameríndios), as fronteiras entre espaços-tempos ontologicamente coexistentes (passado/presente; terra/oceano; vida/morte; material/espiritual; frio/quente; seco/úmido) são sempre pontos de tensão, de clivagem e de disjunção (ARCURI, 2011; GILLESPIE, 1991). Por isso, as práticas rituais são comuns (oferendas, festas, banquetes, penitências, sacrifício, batalhas rituais, entre outros), marcando os limites de transcendência e reversibilidade, pois permitem a recomposição (material e/ou espiritual), o retorno às estruturas e lugares – tempos originários, a reprodução e, portanto, a manutenção do equilíbrio cósmico (ARCURI, 2003; GOLTE, 2009). Nesta reflexão, partimos do entendimento de que a ênfase nas cosmografias rituais atesta que, para as sociedades andinas, o abandono e a celebração das rupturas cíclicas foram incorporados e manejados como força motriz de sua resiliência cultural.

Como estudo de caso, apresentaremos dados do Complexo Arqueológico Cerro Ventarrón, localizado no distrito de Pomalca, município de Chiclayo, Lambayeque, Peru (Figura 1). O Complexo abrange cerca de 300 hectares, composto por edifícios, outras estruturas arqueológicas e, em superfície atual, uma imensidão de cultura material (Figura 2), reunindo evidências de ocupações sucessivas a invasão europeia que alcançaram uma profundidade temporal de aproximadamente 5 mil anos, conforme Alva Meneses (ALVA MENESES, 2008, 2012).

Seguindo a cronologia usualmente adotada para a região (FUX, 2015), as principais estruturas do complexo são: *Huaca*² Ventarrón e estruturas associadas ao setor Arenal (atribuídos ao Formativo Inicial, também conhecido como pré-cerâmico – 3500 a 1700 a.C.); as *Huacas* Collud e Zarpán (correspondentes a três períodos do Formativo – Temprano, Médio e Final – entre 1700 e 200 a.C.); estruturas de ocupações do chamado período de Desenvolvimento Regional (200 a.C. a 900 d.C.) e a arquitetura típica do período Tardio (900 a 1532 d.C.) dos setores Cidadela e Fortaleza; além das ocupações atuais e vivências do presente na constituição dessa paisagem resiliente. Para tanto, nossas inferências estão baseadas na literatura sobre a área dessa pesquisa, nos trabalhos de campo (prospecções e escavações que ocorreram entre 2017 e 2020) e resultados das análises disponíveis até o momento (ARCURI, 2012; ARCURI; ALVA MENESES, 2014; BUENO, 2020; FAGUNDES *et al.*, 2019, 2020; FIGUEIREDO, 2018; SOARES, 2021).

¹ O termo ENSO (*El Niño-Southern Oscillation*) se configura como um fenômeno climático complexo, dividido em três fases: El Niño (quando ocorre a elevação da temperatura das águas do Oceano Pacífico e mudanças na pressão atmosférica, como a diminuição da intensidade ou mesmo inversão dos ventos leste superficiais), La Niña (situação oposta, com a queda brusca da temperatura das águas e intensificação dos ventos) e neutra. Na Costa Norte do Peru, sua ocorrência traz chuvas intensas a uma região marcada pelo clima semidesértico, provocando o aumento considerável do volume dos rios, com inundações e enchentes, sendo responsável por muitas rupturas e mudanças entre as sociedades andinas (SANTILLANA, 2008; BRACAMONTE LÉVANO, 2015). É um evento cíclico natural e, de certo ponto, previsível, fato que nos permite a inferência de que há movimentos prévios de continuidade e/ou mudança que antecedem suas ocorrências.

² De acordo com Bueno (2020), *Huaca* é “referência às estruturas monumentais da região andina, produzidas em barro e/ou tijolos de adobe na costa e também em rocha na serra, com a função de templo ou estrutura funerária”.

Figura 01. Localização do Complexo Arqueológico Ventarrón, Collud e Zarpán. Lambayeque, Peru.

Fonte: Google, 2018. Elaboração: França, 2019.

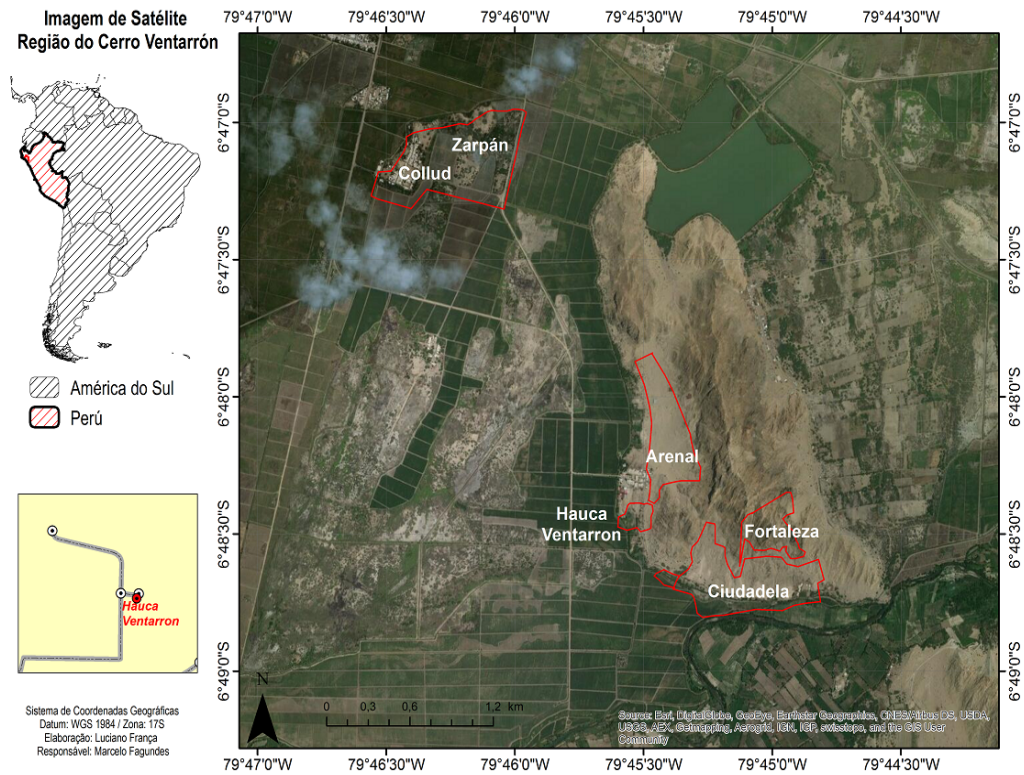


Figura 2. (A) Gravuras rupestres, setor Arenal. (B) Fragmento zoomorfo de vaso cerâmico associado às ocupações Chimú-Inca, século XV, evidenciado em superfície, Collud-Zarpán. (C) Montículo não escavado associado às ocupações Moche do setor Arenal. (D) Cultura material em superfície (cerâmica, lítico, metal, ossos humanos, etc.), Collud-Zarpán.

Fotos: Fagundes/2018.



PAISAGEM EM CERRO VENTARRÓN – TRAJETÓRIAS HISTÓRICAS, MATERIALIZAÇÕES DE MEMÓRIAS

Antes de qualquer coisa, é fundamental explicitar como se fundamenta o conceito de paisagem em nossa concepção e como se articula aos referenciais teóricos por nós utilizados (FAGUNDES *et al.*, 2021).

A paisagem é uma construção, para além das características fisiográficas e visuais que as operacionalizam e materializam no tempo-espaço (COSGROVE, 1984, 2004, 2006). Por ser um fenômeno de longa duração, constituído nas práticas socioculturais, trajetórias históricas, alteridades e memórias (significados e ressignificados) (ACUTO, 2013; TRONCOSO, 2001) é composto por *compartimentos*³ (síncronos, presentes, morfológicos e sociais, que são significados por humanos, trazendo especificidades simbólicas a cada ocupação) e *camadas* (estabelecidas em longa duração e que permitem a interpretação arqueológica).

Esses compartimentos e camadas são interconectados e indissociáveis. Justamente por serem indissociáveis, ambos são vistos como elementos dinâmicos, fluídos, sistêmicos e conceituais, diretamente associados um ao outro, em conexões e interações que vinculam e interatuam a materialidade com a imaterialidade. Portanto, ambos permitem que a paisagem os agregue e persista em (i)materialidades, enquanto o resultado da ação humana no ambiente, representados pelos marcos sociogeográficos⁴ estabelecidos por Fagundes (FAGUNDES *et al.*, 2019, 2020, 2021).

A paisagem é espacialidade e materialidade, mas sua composição e permeabilidade (fluidez) extrapolam essas características, permitindo que entes (em complementariedade e assimetria) entendam, habitem e estabeleçam narrativas do que veem e o do que é sentido – individual e coletivamente (COSGROVE, 1984, 2004, 2006). Como demonstram incontáveis evidências materiais do mundo ameríndio, mesmo envolta nessa assimetria, há interconexões entre humanos e outros sujeitos, ancestralidade, objetos, compartimentos e estruturas; todos constituindo as práticas e processos socioculturais de como vivenciar seu mundo e, dessa forma, estabelecendo trajetórias históricas e alteridades (ARCURI, 2003, 2005, 2015, 2019, 2022).

Partindo desta perspectiva, a paisagem é entendida como uma apropriação e renovação do ambiente e da vida, situando leituras e narrativas próprias a cada tempo (que se apropriam das anteriores; as inibem ou proíbem; renovam-se, mesclam-se, ajustam-se e instituem-se), em um processo contínuo, mútuo e inter-relacional em que entes estabelecem paisagens e estas os constituem, em interações que estruturam e são estruturantes; culturalmente manejadas, historicamente estabelecidas (ACUTO, 2013; COLLOT, 2012; COSGROVE, FAGUNDES, 2014; FAGUNDES *et al.*, 1984, 2003, 2004, 2012, 2021; INGOLD, 2010, 2015; TRONCOSO, 2001).

Por se tratar de um processo dinâmico e fluido (que institui e é instituído nas trajetórias históricas), há renovações que, no caso de Ventarrón, são vivenciadas na e pela arquitetura monumental público-religiosa, espaço que permite que ocorram interações e reproduções ideológico-religiosas e/ou socioculturais, em que abandonos e renovações são, ao mesmo tempo, expressão e materialização (ou matéria fundante) da memória, alteridades e da relação com o espaço-tempo. Sendo o Complexo

³ Preferiu-se usar o termo compartimento ao se tratar do registro arqueológico ao conceito de lugar (geográfico). O conceito de lugar foi visto a partir da ideia humanista de vivência, de sentidos e experiências síncronas do indivíduo e sua coletividade. Por isso, o uso de compartimento (fragmentado pelo tempo, mas presente na materialidade e sentidos da paisagem do presente), em que o conceito de lugar se faz menos apropriado.

⁴ “Como marcos sociogeográficos entende-se a junção de características referenciais que dizem respeito à união da fisiografia e marcos artificiais (signos) e das relações êmicas que sociedades estabelecem (símbolos). Com isso não se pretende dissociar o caráter social da ciência geográfica, intrínseco à disciplina, mas destacar as inter-relações que humanos constituem com seu ambiente” (FAGUNDES *et al.*, 2019).

Arqueológico Cerro Ventarrón um lugar de sucessivos abandonos e retornos⁵, devemos considerar que a paisagem, envolta em profunda sedimentação de compartimentos, será ela novamente transformada pelo trabalho arqueológico, que ao realizar seu registro impacta na construção e manipulação de memórias sociais.

Em síntese, temos compreendido a paisagem como uma teia de relações simbolicamente tecida, cujos compartimentos e camadas estabeleceram-se por meio de narrativas compostas pelas características fisiográficas dos lugares; dos marcos artificiais que os compõem (edifícios, praças, caminhos, casas, plantações, entre outros), das vivências individuais e coletivas, e suas (i)materialidades; das estruturas simbólicas, ideológico-religiosas e políticas associadas. Como nos alerta Acuto:

As pessoas conhecem e experimentam o mundo habitando-o e a partir de sua inserção em uma rede de relações historicamente constituídas que incluem outros sujeitos, artefatos, lugares, instituições, significados, saberes acumulados e uma história que deles procede. (ACUTO, 2013, p. 39, tradução nossa)⁶

Em Cerro Ventarrón, há marcas dos contextos que permitiram resiliências e mudanças possíveis de serem observadas e inferidas com ajuda do registro arqueológico. Por meio da espacialidade e materializações é possível ir além dessa dimensão física e produzir interpretações sobre essa paisagem com base nas evidências de uma resiliência cultural (a exemplo das capelas construídas no topo das *Huacas*), em que memórias sociais foram estabelecidas, cultuadas e perpetuadas (ACUTO, 2013; COSGROVE, 1984; FAGUNDES *et al.*, 2019, 2021).

ABANDONOS, RETORNOS E CICLICIDADE EM UMA PAISAGEM RESILIENTE

A discussão sobre o fenômeno do abandono em Arqueologia não é recente e, portanto, nossa reflexão não pretende ir além daquilo que a literatura tem apontado como importante para a interpretação dos processos formativos do registro arqueológico (CAMERON, 1991; CAMERON; TOMKA, 1993; SCHIFFER, 1987; WILSHUSEN, 1986).

Contudo, iniciamos a discussão indicando a imprecisão e o reducionismo muitas vezes empregado ao conceito de abandono, sobretudo quando se refere a suas implicações sociopolíticas, identitárias e ideológicas para as comunidades atuais. Pela perspectiva arqueológica, o abandono é um fenômeno complexo e envolto em uma variedade de eventos que se alinham, se agrupam, se distanciam ou se interconectam, a depender das perspectivas. Em consequência, muito do que é visto como ruína, desprotegido ou desvalorizado deveria ser entendido como parte do contexto sistêmico, cujas relações entre passado e presente compõem cosmografias, incorporadas como continuidade da vida, a exemplo da presença de *huacos* cerâmicos (arqueológicos) nas mesas de curandeiros contemporâneos (SOARES, 2021).

Sítios arqueológicos existem simultaneamente no contexto arqueológico e no contexto sistêmico. Os objetos, estruturas e lugares permanecem e constituem o contexto sistêmico, visto que compartimentos e camadas seguem sendo utilizados pelas comunidades que lidam com o registro no

⁵ A primeira ocupação (pré-cerâmica) da Huaca Ventarrón se dá c. 4500 A.P., sendo que reutilizada sucessivamente até a ocupação cerâmica das *Huacas Collud* e *Zarpán* (Figura 1). Como trataremos adiante, durante o fenômeno Moche (séculos I ao IX de nossa Era), das ocupações Lambayeque (séculos IX ao XIII) ou das invasões Chimú-Inca (séculos XIII a XVI), as estruturas e adjacências foram revisitadas, provavelmente como culto à ancestralidade.

⁶ “Las personas concocen y experimentan el mundo al habitar en él y a partir de su inserción en una red de relaciones históricamente constituídas que incluyen otros sujetos, artefactos, lugares, instituciones, significados, acervos de conocimiento acumulado y una historia que los procede”.

presente, mesmo mediante os aparentes desusos, “destruição” ou “desaparecimento”, conferindo ao registro arqueológico um caráter multitemporal (HARRISON, 2015, 2018; SOARES, 2021). Por isso, ao indicarmos ou categorizarmos o abandono, muitas vezes pode-se ocultar comportamentos êmicos, presumindo que comunidades abdicam usos ou que a destruição é o fim e, dessa forma, realizamos interpretações equivocadas (tendenciosas) acerca do repertório cultural e da paisagem (COLWELL-CHANTHAPHONH; FERGUSON, 2006). Em todo caso, o ato entendido como ‘abandonar’ é uma categoria universal, sendo importante para que se percebam as inter-relações existentes entre as materialidades estudadas no tempo-espaço, tendo em vista que o entendimento das práticas sociais desenvolvidas antes, durante e após o abandono são importantes à pesquisa.

Schiffer definiu o abandono como sendo “[...] o processo pelo qual um lugar, área de atividade, estrutura ou assentamento inteiro é transformado em contexto arqueológico” (SCHIFFER, 1987, p. 89, tradução nossa)⁷. Contudo, à luz de novos entendimentos do que se refere, percebe-se que há uma complexidade que necessita ser mais bem explicitada, para além da ideia de abandono como evento, mas buscar associá-lo às escolhas que delinearão as trajetórias históricas e que podem estar ativadas no presente (COLWELL-CHANTHAPHONH; FERGUSON, 2006; LANGE, 2003).

De acordo com Darras (2003), o que se tem definido como abandono é a ausência de uma evidência material entre uma ocupação e outra, fato que, segundo a autora, é uma observação muito frágil. Ao discutir a questão para a Mesoamérica são apresentados prováveis motivos de ordem natural e cultural para seu entendimento, embora se credite às ações humanas o principal motor para que ele ocorra. Entre os principais propulsores para o abandono estão: crises sociopolíticas, econômicas ou conflitos; ações que fogem do controle social (instabilidades geoclimáticas); arranjos planejados e controlados nas estruturas internas da sociedade, responsáveis por mudanças massivas e sincrônicas na maneira da execução das atividades. Entretanto, sua principal hipótese vincula-se ao papel das instituições ideológico-religiosas nessas ações (levando em conta a visão cosmogônica e de circularidade na Mesoamérica). A ritualidade é a causa provável e mais apropriada para se entender as decisões em torno do abandono de estruturas ou conjuntos delas, mesmo mediante as intempéries ambientais, conflitos internos ou externos, fatores econômicos, entre outros.

Do início da implantação de estruturas em Cerro Ventarrón (do surgimento da arquitetura monumental), perpassando por variados tipos de abandono ao longo de quase cinco milênios, um fator de destaque para as análises se alicerça na observação do dinamismo das trajetórias históricas que constituíram a paisagem enquanto registro espacial e social do que persiste ao longo do tempo. Toda essa discussão se aproxima muito do que apresentamos como compartimentos e camadas (FAGUNDES *et al.*, 2019), em um processo de resiliência na/da paisagem, ação que, em nosso caso de estudo, estaria relacionada à cosmografia, à ancestralidade e aos movimentos de morte e renascimento. Abandonar e (co)existir nas relações (que são ao mesmo tempo sincrônicas e diacrônicas) significa agir pela manutenção do pensamento cíclico que regula o ordenamento, assim, mantendo a dinâmica propulsora das dualidades complementárias, a coerência, o equilíbrio entre as forças antagônicas do cosmo e a manutenção da vida. Diferenças e assimetrias (no tempo-espaço, nos planos cósmicos e os seres) são condições necessárias para a negociação, intercâmbio e a reciprocidade que estrutura as sociedades andinas (ARCURI, 2011, 2012; KAULICKE, 2008).

Logo, como Darras (2003), partimos da hipótese que esse emaranhado de ações (sociais, ideológicas, políticas, econômicas, entre outras) é intermediado pelos rituais e, nesse caso, há um planejamento prévio do que e como abandonar muito antes dos fatores que o possam ter estimulado. Visto por essa perspectiva, o ato de abandonar é um processo e não um evento isolado, fazendo parte

⁷ “[...] the process whereby a place, activity area, structure, or entire settlement is transformed to archaeological context”.

dos ciclos de vida e morte, sendo a reocupação uma forma de garantir o ordenamento e alinhamento de diferentes mundos: da ancestralidade, do que é vivido e daqueles que estão por vir⁸. Entre essas ações pode-se citar: peregrinações ou reivindicações de paisagem com base na ancestralidade; escolhas em reocupar espaços ou edifícios, bem como de não reutilizar, como forma de respeito aos lugares sagrados que não podem ser profanados; aqueles considerados canais de comunicação entre mundos distintos e o próprio entendimento entre o que é habitado ou vazio (LANGE, 2003; MAKOWSKI, 2006; VEGA-CENTENO, 2004).

Portanto, dos marcos sociogeográficos; perpassando ao uso, remodelações e supostas ausências de atividades em Cerro Ventarrón, o abandono sempre foi um pretexto para o retorno, marcado por rupturas que descrevem os fluxos sociais que se desenvolveram para além das estruturas (e da paisagem). Há complexidade dos comportamentos e das relações sociopolíticas, econômicas, ideológico-identitárias que, nesse caso, são sínteses das várias sociedades que o ocuparam.

Como discutiremos, as análises do registro arqueológico da *Huaca Ventarrón* indicam que o ato de abandonar foi precedido por planejamentos ritualizados que, com base no pensamento andino⁹, permitiram o equilíbrio entre a ancestralidade e o que é vivido (e o futuro), garantindo a manutenção dos ciclos. Tal prerrogativa também está amparada na literatura, que tem indicado que instabilidades climáticas milenarmente ritualizadas, ou questões de ordem sociocultural (ou a combinação desses fatores), podem mesmo ser propulsoras desse processo (FUCHS, 2006; GOLTE, 2009; LANGE, 2003; MAKOWSKI, 2006; SHADY; LEYVA, 2003). Entendemos que os ENSO são fenômenos naturais (ou instabilidades climáticas), entretanto, Orlove *et al.* (2000) indicam que foi possível anteceder esse fenômeno pelas sociedades andinas via mudança no brilho das plêiades, tal fato era responsável pelo desencadeamento dos rituais para morte e reestruturação da vida.

Sob essa ótica que temos pensado Ventarrón-Collud, por ciclos de esquecimentos, reavivamentos e reordenamentos (planejados/manejados em suas (i)materialidades) que perduram por cinco milênios, independentemente das ações e intenções de seus construtores.

O COMPLEXO ARQUEOLÓGICO VENTARRÓN

Localizado na costa norte peruana, o Complexo Arqueológico Ventarrón passou por cinco principais campanhas de intervenção arqueológica entre 2007 e 2012¹⁰, coordenadas pelos arqueólogos Walter Alva e Ignacio Alva Meneses. O complexo está constituído por várias estruturas arquitetônicas com início de implantação em data bem recuada no que se conhece acerca da arquitetura público-religiosa andina. Apresenta uma profunda sequência estratigráfica, que revela ocupações de expressiva monumentalidade a partir do Período Formativo Inicial até o Período Tardio (terceiro milênio antes da Era Cristã até a conquista espanhola no século XVI)¹¹.

⁸ Lembrando que esse ir e vir, essa transposição reversível de fronteiras espaço-temporais entre planos faz parte de uma lógica calendária de circularidade e não pressupõe uma evolução linear.

⁹ Muitas das evidências arqueológicas na *Huaca Ventarrón* (a exemplo dos murais e dos fogões cerimoniais) aludem às estruturas cosmológicas do pensamento andino (ROSTWOROWSKI, 2016), sobretudo que foi descrito no período colonial e o que se tem de dados provenientes da etnografia atual.

¹⁰ No ano de 2017, a equipe brasileira realizou duas campanhas de escavação na *Huaca Ventarrón*, resultando na coleta de material para datação (em publicação) e outros remanescentes (ARCURI *et al.*, 2018).

¹¹ Pesquisas recentes propõem uma readequação na sequência cronológica proposta para Ventarrón. De acordo com a cronologia tradicional – estilística e processual – os usos da *Huaca Ventarrón* e setor Arenal corresponderiam ao Período Pré-cerâmico ou Arcaico Final, mas as últimas propostas sugerem estabelecer a etapa de surgimento dos centros cerimoniais dentro do Formativo Inicial, apesar de preceder o advento da cerâmica (ALVA MENESES, 2012; ARCURI, 2012; BUENO, 2020; FUX, 2015).

O edifício mais antigo é a *Huaca Ventarrón*, seguido pelos edifícios do Arenal (também do Formativo Inicial); de Collud e Zarpán (do Formativo Temprano ao Formativo Final, estabelecidos com o advento da tecnologia cerâmica); ocupações Moche (também no Arenal, porém com ocupações entre 500 a 1000 d.C., durante o Horizonte Médio); estruturas Lambayeque e Chimú-Inca (entre os séculos XIV e XVI, implantadas na face Sul e no topo da serra) e das ocupações atuais em torno das duas principais *Huacas* (Ventarrón e Collud).

Temos inferido que o ponto de partida para a implantação das estruturas na paisagem deu-se a partir da fisiografia local, responsável por transmitir uma imensidão de mensagens (simbólicas): (1) a serra e seu direcionamento Norte-Sul, com o sol nascendo de Leste-Oeste e, portanto, sobre a terra; (2) a orientação Leste-Oeste do rio, que desce o vale, literalmente fecundando a terra; (3) área de encontro entre montanha e água, portanto propícia ao culto e ritualização; (4) estratificação e cores do relevo: do vermelho das montanhas ao branco da areia; (5) existência de um afloramento granítico direcionado de Norte-Sul em formato trapezoidal, que serviu como base para a construção da *Huaca Ventarrón*. Enfim, as escolhas de implantação não foram aleatórias. A arquitetura nasce de um processo meticuloso de transmissão de mensagens simbólicas em uma área que pode ser definida como repleta de marcos sociogeográficos (ALVA MENESES, 2012; FAGUNDES *et al.*, 2019).

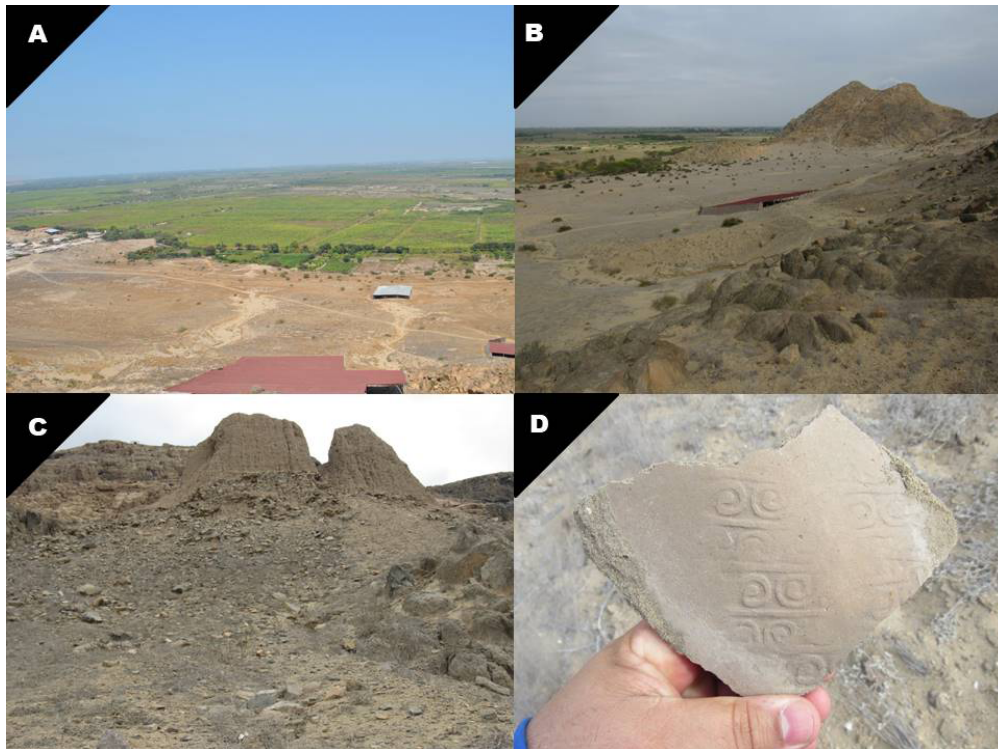
Assim sendo, a *Huaca Ventarrón* e as quatro construções do conjunto Arenal marcam o início da implantação da arquitetura monumental na área, configurando o centro cerimonial mais antigo e extenso da região de Lambayeque, estando entre os mais importantes da costa norte peruana (ALVA MENESES, 2012). (Figura 3; Figura 4).

Figura 3. Huaca Ventarrón. (A) Vista da Huaca e povoado a partir da serra. (B) Destaque para a face Leste da Huaca, com detalhes das técnicas construtivas. (C) Visada geral das faces Sul e Sudoeste a partir do edifício Arenal 4. (D) Interior da Huaca, face Sul.

Fotos: Fotos Fagundes, de 'A' a 'C' ano de 2017; 'D' ano de 2019.



Figura 4. Setor Arenal. (A) Visada Leste-Oeste do setor, os telhados são estruturas escavadas (telhados vermelhos edificações do Formativo Inicial e telhado branco estrutura Moche). (B) Visada geral. (C) Estrutura Lambayeque. (D) Vestígio cerâmico em superfície:
Fotos Fagundes, 2019.



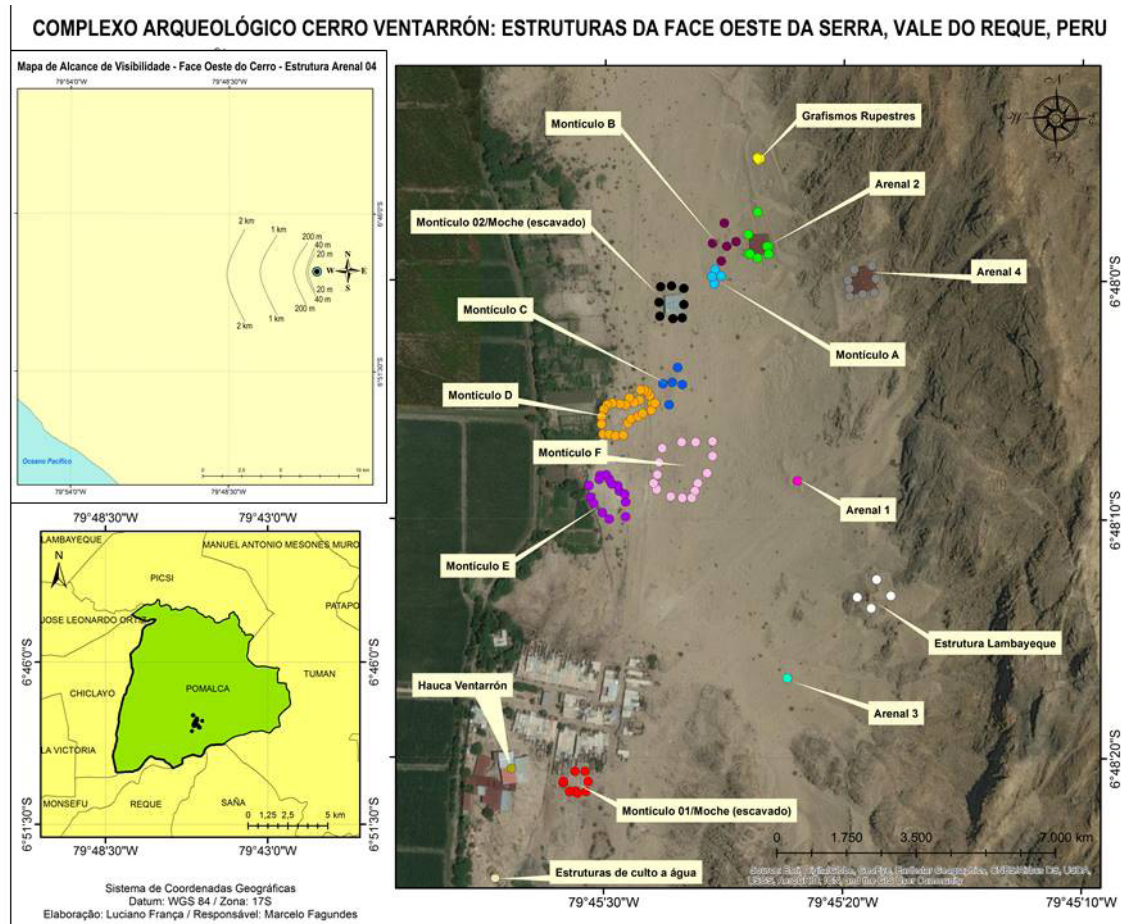
Durante as primeiras intervenções arqueológicas, a arquiteta Adine Gavazzi (2012) acompanhou as escavações da *Huaca*, realizando um estudo sobre: a morfologia, a tecnologia construtiva, a funcionalidade dos espaços e sua inserção na paisagem. Ao fim, foram identificadas ao menos sete fases de remodelações do edifício, sendo constatado um processo de composição que ocorreu de forma gradual, com remodelações e acréscimos de novos recintos ou fases. Além disso, verificou-se que as edificações das primeiras fases foram encapsuladas paulatinamente conforme as extensas plataformas cresciam em volume, adquirindo características comuns a outros sítios do Formativo. Gavazzi (2012) propôs que essa longa sequência de remodelações arquitetônicas teria alcançado cerca de mil anos. Entretanto, pesquisas recentes puderam melhor estabelecer as cronologias da ocupação da *Huaca Ventarrón*, indicando que o sítio foi mantido em uso contínuo por um período menos prolongado (ARCURI *et al.*, 2018).

Os recintos da *Huaca Ventarrón* foram sendo criados e remodelados nessas distintas fases, contudo, há uma coerência arquitetônica, apresentando formas geométricas (circulares e retas/escalonadas), que aludem à visão dual de mundo comum aos povos andinos, averiguado no uso recorrente de oposições complementárias. O princípio dinâmico da dualidade complementária de opostos – ou da interação entre metades – sustenta o equilíbrio entre natureza e o cosmo, apresentando-se como um denominador comum em diversos conceitos de organização social das sociedades ameríndias (ARCURI, 2011; GOLTE, 2009).

O conjunto Arenal se configura como um aglomerado de amplos edifícios, com o desenho arquitetônico refletindo a encosta da serra em *terrazas en ladera* ou terraços escalonados. Os quatro edifícios são estruturas construídos em tijolos de adobe, com recintos bem definidos e construídos como uma projeção da serra, ocorrendo várias modelações paralelas a da *Huaca*. A monumentalidade do conjunto, perpetuada por essa larga sequência de remodelações e pela progressiva extensão horizontal, supera em volume a *Huaca Ventarrón*. Entretanto, apenas sessões desse setor foram investigadas e, em nenhuma das estruturas, alcançou-se o solo estéril e as possíveis sequências mais antigas da ocupação (ALVA MENESES, 2012).

Esses edifícios estão implantados em média-alta vertente, em uma face da serra que forma um anfiteatro voltado para Oeste, ambos com frente voltada para o Rio Reque. Acreditamos que o posicionamento topográfico das construções esteja associado à visibilidade, da relação ritualizada com a paisagem, inclusive servindo de atração para os diferentes grupos que, possivelmente, peregrinavam e reuniam-se em Ventarrón em momentos específicos do calendário ritual (Figura 5).

Figura 5. Face Oeste da serra Ventarrón. Observar o formato em anfiteatro da implantação dos edifícios do Arenal, voltados para Oeste, na média-alta vertente. Elaboração: França, 2019.



A arquitetura de Ventarrón, anterior ao advento da cerâmica, poderia indicar o estabelecimento de um lugar de encontro de diferentes grupos, um centro de interação entre figuras de prestígio (possivelmente onde prematuramente desenvolveram-se relações políticas aos moldes heterárquicos. Figura 6D), cuja criação de espaços cerimoniais estaria associada a um calendário comum, em que peregrinações, cultos, celebrações, oferendas e banquetes ocorreriam como alianças (de diferentes formas) entre esses clãs que habitariam o Vale de Lambayeque (ARCURI, 2012; MAKOWSKI, 2006; VEGA-CENTENO, 2004)¹². Ao longo do tempo, esses centros cerimoniais continuaram sendo importantes lugares de encontro e celebrações, mesmo mediante a complexidade sociopolítica, observada no fenômeno mochica, por exemplo (GOLTE, 2009; SWENSON, 2014).

¹² Vega-Centeno (2004) discute que a ausência de marcadores arqueológicos claros que possam estabelecer uma identidade entre indivíduos e edifícios públicos (tumbas ou residência de elites), pode indicar o caráter coletivo das sociedades do Arcaico Tardio (ou Formativo Inicial) e, assim, esses edifícios podem ser vistos como expressões físicas e metafóricas da unidade e identidade comum.

Outra característica que se destaca na arquitetura da *Huaca Ventarrón* é o aparecimento remoto de elementos da iconografia e policromia típica do fenômeno Moche (que floresceu 2 mil anos mais tarde). Os recintos internos da *Huaca* reúnem uma estrutura em forma de *chakana* (popularmente conhecida como cruz andina. Figura 6A), murais com a cena do ritual de caça dos veados com rede (Figura 6C) e murais pintados em vermelho e branco (Figura 6B). Trata-se de padrões visuais que seriam amplamente difundidos na costa norte peruana durante o período de hegemonia mochica. Como apontado por Alva Meneses (2012), a utilização de cores e de certos traços/componentes recorrentes dão suporte à hipótese ao que ele define como de continuidade (Figura 6).

Figura 6. Interior da *Huaca Ventarrón*. (A) Fogão cerimonial em forma de *Chakana*. (B) Painel pintado branco-vermelho. (C) Painel pintado cena do ritual de caça de veados com rede. (D) Interior da *Huaca*, relação entre fases construtivas O1 e O2, com destaque entre a grande banquetta cerimonial em meio aos painéis pintados de caça de veado com rede.

Fotos: Fagundes, 2017.



Inspirados pela ideia de resiliência cultural, entendemos que as ações de abandono dos templos da *Huaca Ventarrón* parecem vincular-se às celebrações e rituais, por meio de atos simbólicos ou obra de transformação arquitetônica, revelando dimensões ideológicas e/ou religiosas para o ato, indicando que as motivações foram além de causas naturais (DARRAS, 2003). As escavações indicam que os momentos de remodelagem da edificação foram precedidos por rituais, inclusive de queimas e enterramento, procedimentos descritos em vários contextos arqueológicos (ALVA MENESES, 2012; FUCHS, 2006; KAULICKE, 2008; SHADY; LEYVA, 2003).

As investigações mais recentes em estruturas de combustão da *Huaca Ventarrón* também sugerem que houve uma significativa diversidade ecológica entre as oferendas observadas, destacando-se a presença de elementos de contextos exógenos, por exemplo: quinoa (*Chenopodium quinoa*), um insumo tipicamente serrano; mandioca (*Manihot esculenta*), oriunda das regiões amazônicas; e milho (*Zea mays*), em um período anterior à grande dispersão deste cultivo (ARCURI *et al.*, 2018; BUENO, 2020). Em conjunto com outros dados já publicados sobre a variedade de vestígios de fauna e flora evidenciadas em análises sedimentares

(VÁSQUEZ; ROSALES, 2012) e os exemplos de oferendas rituais entre os pisos da *Huaca* (ALVA MENESES, 2012), esses elementos são indicadores de uma compreensão ampliada do território – com interações entre os diferentes pisos ecológicos e possíveis redes de intercâmbio – em um período recuado e ainda pouco estudado.

Alva Meneses (2012) já havia destacado indícios dessa intencionalidade ritualística durante as escavações da *Huaca*. Segundo o autor, ocorreu cuidadoso desmonte, repartição e “semeado” de algumas partes da arquitetura entre as diferentes fases construtivas, figurando como uma “coreografia ritual” cujo discurso construtivo marcava o fim e início de uma etapa. Ao mesmo tempo em que há a destruição do anterior, há uma conjunção com esse passado, como reverência e valorização da ancestralidade, movimento associado à renovação cíclica da sociedade e do tempo (ALVA MENESES, 2012, p. 203).

Os enterramentos dos recintos, em conjunção com as muitas oferendas evidenciadas sob o piso da *Huaca* (estrategicamente posicionadas), permitiram a realização das inferências sobre as práticas simbólicas de abandono e renovação discutidas nesse texto (BUENO, 2020). Cooperando com nossa análise, Kaulicke (2008) aponta para uma analogia entre os ciclos de renovação da arquitetura e a vida humana, ao sugerir que um edifício nasce, amadurece e morre (KAULICKE, 2008). Logo, os processos de renovação dos templos vinculam-se aos encerramentos de ciclos. São atos simbólicos e ritualizados de remodelações arquitetônicas que marcam períodos de renovação – nascimento, morte e renascimento –, e inserem-se na concepção de tempo cíclico da cosmovisão andina (ARCURI, 2011; BUENO, 2020).

O centro cerimonial Collud-Zarpán apresenta uma série de construções piramidais escalonadas que compreendem uma grande sequência arqueológica, correspondente aos períodos Formativos – Temprano, Médio e Tardio (entre 1700 a 200 a.C.). O sítio também apresenta ocupações posteriores associadas à cultura Lambayeque (datadas entre 700 d.C até a conquista). Inicialmente, acreditava-se que o período de suposto abandono da *Huaca Ventarrón* coincidia com o florescimento da *Huaca Collud* (final do segundo milênio antes do presente), mas dados de pesquisas recentes, ainda não publicados, têm enfraquecido essa hipótese (ARCURI *et al.*, 2018). (Figura 7)

Figura 7. Collud e Zarpán. (A) Vista geral da Huaca Collud. (B) Interior da Huaca Zarpán, com destaque para vasilha cerâmica in situ. (C) Interior de Collud, com destaque para colunas em madeira, à esquerda, in situ. (D) Interior da Huaca Collud, com destaque para escadaria norte.

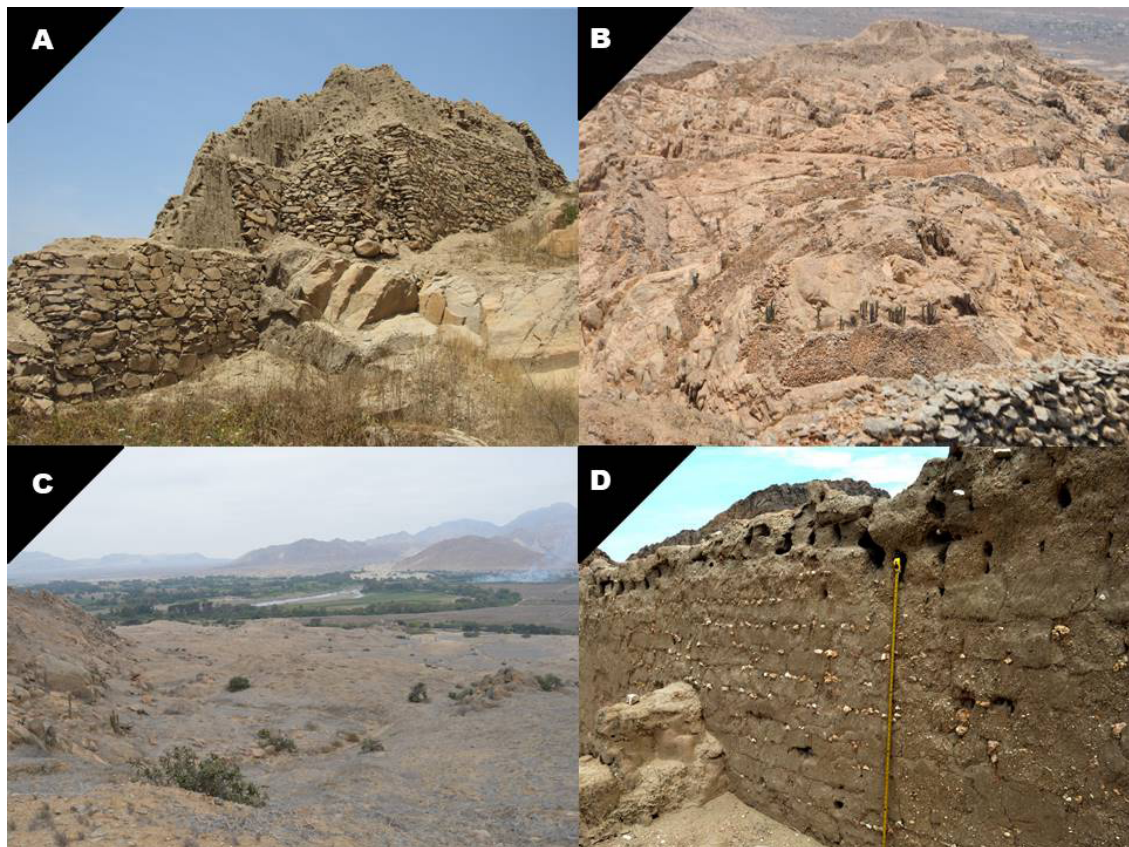
Fotos: Fagundes, 2018.



As ocupações associadas ao Período Tardio (séculos X ao XVI d.C.) são identificadas pelas estruturas dos setores Cidadela e Fortaleza, localizadas à Sudeste, assim como, nas partes mais altas da serra Ventarrón. A associação cronológica faz-se pela análise cerâmica e pelas técnicas construtivas da arquitetura, uma vez que esses setores não foram escavados até o momento. Dessa forma, ainda não há informações suficientes para confirmar se tanto as estruturas de adobe e taipa, quanto a arquitetura em pedra na parte alta seriam o resultado da ocupação Chimú-Inca, ou mesmo de um desenvolvimento anterior à chegada desses “domínios”. Essa questão vem sendo articulada nos últimos anos no âmbito da cooperação acadêmica internacional instituída entre a equipe de arqueólogos do *Museo Tumbas Reales de Sipán* e pesquisadores de universidades brasileiras, tendo também composto as discussões da pesquisa de doutoramento de Figueiredo (2019). (Figura 8)

Figura 8. Fortaleza e Cidadela (A) Setor Fortaleza, detalhe das estruturas em pedra e adobe no cume do Cerro Ventarrón, associada às ocupações Chimú-Inca. (B) Vista geral do setor Fortaleza e suas muralhas em pedra. (C) Vista geral do setor Cidadela e suas estruturas em adobe. (D) Detalhe de estrutura em adobe e pedra do setor Cidadela.

Fotos: 'A' e 'B', Fagundes, 2017; 'C' e 'D', Fagundes, 2018.



Uma característica importante é o fato de que, dos edifícios mais antigos às ocupações mais recentes, sempre ocorreram reocupações e reutilizações, principalmente por meio da execução dos rituais funerários¹³. Na *Huaca Ventarrón* (nos templos do Arenal ou mesmo em áreas adjacentes) foram evidenciados vários enterramentos intrusivos, principalmente associados ao culto à ancestralidade e reverência ao passado. As tumbas intrusivas identificadas na *Huaca Ventarrón* foram associadas ao

¹³ Lembrando que são sepultamentos intrusivos, ou seja, as culturas mais recentes invadem a estratigrafia mais antiga.

Período Formativo Médio ao Final (1200 a 200 a.C.). Além dessas, há evidências de outras referentes às fases Média e Tardia da Cultura Lambayeque e da fase Chimú-Inca, recuperadas durante as escavações em Collud-Zarpán, ocupações datadas entre o século VIII e XVI de nossa Era (ALVA MENESES, 2012).

Assim como já colocado sobre as capelas e o uso de *huacos* arqueológicos em mesas de curandeiros atuais, entendemos que o constante processo de abandono e retorno das *Huacas* como espaços cerimoniais e funerários não são evidência de continuidade, mas sim de resiliência cultural nessa paisagem.

DISCUSSÃO

A paisagem pode ser compreendida como as materializações e concepções que operam a vida, podendo, conseqüentemente, ser lida e interpretada (COSGROVE, 1984). Seus componentes podem ser manejados/manipulados a partir de novas condições impostas seja pelo ambiente ou por ações humanas de qualquer ordem. Ela é a marca de ações humanas, suas ideias, intenções e ações, estando repleta de explicações e relações ontológicas, compreensão e vivência do/com o mundo.

Enquanto produção e expressão humana, paisagens foram e são episódios dos ciclos de vida ao longo do tempo e, portanto, carregadas de signos e símbolos, compondo narrativas que podem ser escritas e reescritas, significadas e ressignificadas, renovadas ou abandonadas. Logo, a paisagem (compartimentos e camadas) é um marcador importante da vida. Ações que possam ser entendidas como causadoras de desequilíbrio (em qualquer um de seus componentes, seja no espaço-tempo ou na materialidade), estabelecem um processo de desarmonia não apenas em um elemento constitutivo, mas em todos os demais, interferindo diretamente no ordenamento e circularidade dos ciclos cósmicos e na estabilidade de vida. É nessa necessidade de reordenamento que podem ser operados abandonos, redefinições ou destruições – ações necessárias para que haja o renascimento.

As instabilidades climáticas causadas pelos ENSO são o exemplo mais importante para a área de estudo, uma vez que o fenômeno é responsável direto por rupturas ambientais, sociais, políticas e econômicas nos Andes. Por ser cíclico – e embora haja variação no lapso de tempo entre cada episódio –, a ocorrência dos ENSO pode ter servido como um indicativo para a mudança. Para tanto, ações rítmicas podem ter sido realizadas antes e após os fenômenos, sendo ações de planejamento para antecipação dos eventos ou de reestruturação ao fim (ARCURI *et al.*, 2013; ARCURI, 2015).

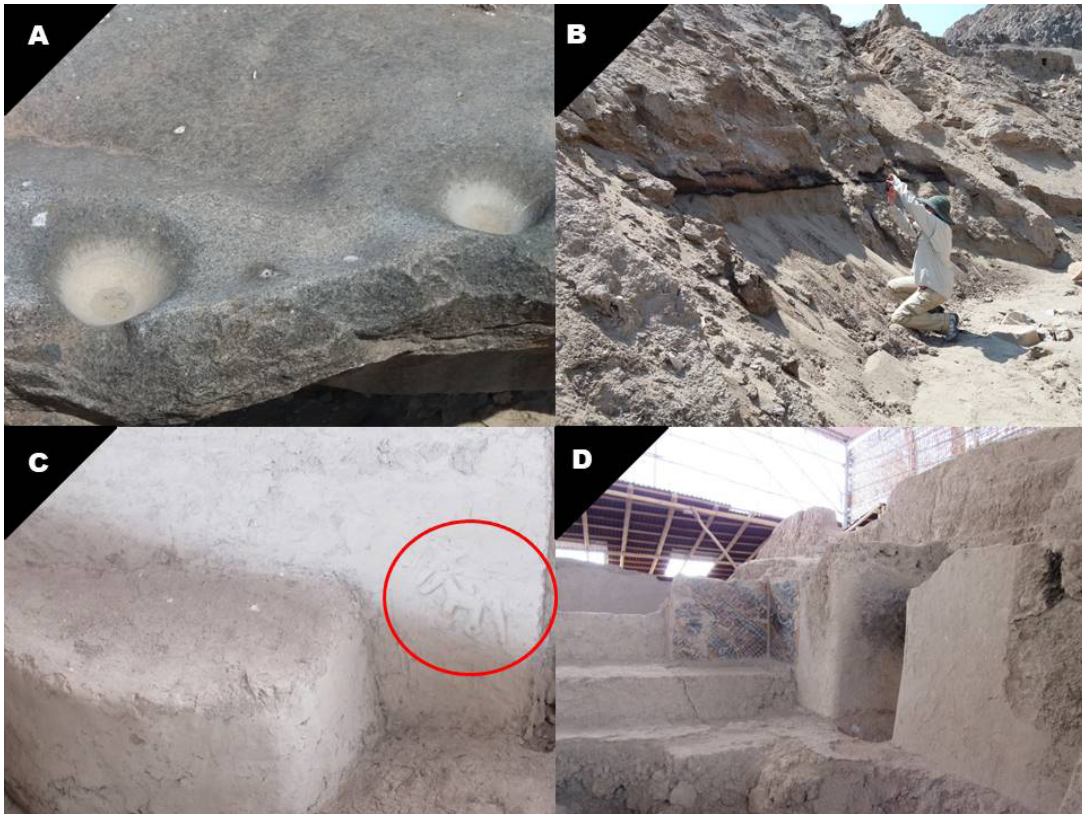
Tal fato comprova-se pelas constantes renovações que passaram os edifícios pela presença de estruturas relacionadas aos diferentes cultos (por exemplo: os fogões cerimoniais e os *pacchas*) e pelos vários vestígios (oferendas) e estruturas ritualísticas evidenciadas nas escavações e associadas à renovação da arquitetura dos templos. Além disso, mudanças de poder, hierarquias, conflitos e uma imensidade de outras questões – inclusive a conjunção de vários desses fatores ou o efeito cascata de um sobre o outro – podem ter sido propulsores que impulsionaram o ato de abandonar.

As estruturas arqueológicas em Cerro Ventarrón indicam que ali o abandono foi resiliente, consciente e fio condutor de ideias que permitiram e permitem a reprodução, colaboração, reciprocidade e intercâmbio, alicerces do pensamento social nos Andes. As diferenças e assimetrias (no espaço-tempo e entre os seres) interrelacionam-se, estando em ciclos ininterruptos (fluidos e permeáveis) de negociação, intercâmbio e reciprocidade (ARCURI, 2011; GOLTE, 2009; MAKOWSKI, 2006) Além disso, os marcos sociogeográficos observados em Ventarrón (FAGUNDES *et al.*, 2019, 2020) permitem inferir que se trata do *axis mundi*, do eixo central dos mundos ou da interconexão entre os planos (ARCURI, 2012).

Ventarrón é uma paisagem resiliente e de retorno, em que o abandono significou o renascimento de um novo ciclo. A cada abandono e recuperação de estruturas e compartimentos estabeleceram-se contextos dinâmicos, observados no registro arqueológico, que podem estar associados ao manejo de questões ambientais, sociocultural-políticas, ideológico-religiosas ou associação desses fatores na constituição de uma narrativa de longa duração, envolvendo trajetória histórica, ancestralidade e memória (KAULICKE, 2009; LANGE, 2003; MAKOWSKI, 2006; MORGAN, 2014).

Figura 9. Figura 9. Variadas (A) Pacchas. (B) Evidência de lente de carvões associadas a queima cerimonial de "sepultamento" de estrutura, que precede início de nova fase construtiva, setor Cidadela, face sul do Cerro Ventarrón (C) Interior da Huaca Ventarrón, banqueta cerimonial associada ao fogão cerimonial da primeira fase construtiva, com destaque para a figura de marsupial modelada em alto relevo (D) Interior da Huaca Ventarrón, com destaque para fogão cerimonial à direita da foto, associado ao painel com cena da caça ritual de veados, pertencentes à segunda fase construtiva da Huaca.

Fotos: Fagundes, 2017.



A arquitetura monumental (e suas apropriações durante o tempo) indica processos de materialização, nos quais remodelações (a exemplo da *Huaca Ventarrón*) podem permitir o entendimento de que ocorreram escolhas de manutenção, em que nunca houve a destruição total de nenhuma estrutura, havendo integração entre passado e presente, continuidade histórica do lugar e manejo planejado dessa paisagem resiliente.

Como Darras (2003), acreditamos que a ritualidade ocupa papel de destaque nos processos de abandono e reocupação nas estruturas de Cerro Ventarrón, desde as múltiplas reconstruções da *Huaca Ventarrón* e edifícios antigos do Arenal; seus abandonos para o estabelecimento de Zarpán-Collud a um quilômetro ao Noroeste; os enterramentos intrusivos de várias culturas nesses edifícios; o surgimento do fenômeno Moche que deixou suas marcas em Ventarrón; até finalmente culminar no estabelecimento das ocupações Lambayeque e Chimú-Inca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da implantação desses sítios (no Formativo Inicial) até o presente, Cerro Ventarrón preserva seus ciclos de renovação que vão além das características fisiográficas da área, e que agregam marcos sociogeográficos para constituir uma narrativa dinâmica, fluida, permeável e, ao mesmo tempo, intersubjetiva. É parte das trajetórias históricas, uma vez que “Estamos fazendo referência a um espaço subjetivo (vivenciado pelas pessoas), produzido socialmente, carregado de significados e articulado dialeticamente com práticas e relações sociais” (ACUTO, 2013, p. 32, tradução nossa). Essas renovações

estão carregadas de significados que permanecem na constituição da paisagem, de seus compartimentos e camadas e, portanto, permitem a leitura e interpretação arqueológica acerca do modo de vida de populações passadas e presentes, que viveram/vivem, reestabeleceram/reestabelecem essa paisagem.

Hoje, os complexos arqueológicos e suas estruturas em ruínas compreendem a paisagem resiliente de Cerro Ventarrón. Há pessoas vivendo entre os sítios, ativando seus usos e memórias, percebendo, agindo e perpetuando o pensamento andino sobre a vida e seus múltiplos planos. É uma paisagem dinâmica, permeável e fluida, palco de relações sociais complexas, de luta e de resistência...

REFERÊNCIAS

- ACUTO, Félix. Demasiado paisaje?: múltiples teorías o múltiples subjetividades en la arqueología del paisaje. *Anuário de Arqueología*, Rosario, n. 5, p. 31-50, 2013.
- ALVA, Walter; ALVA MENESES, Ignacio. Generalidades. In: Alva MENESES, Ignacio. (org.). *Ventarrón y Collud: origen y desarrollo de la civilización en la Costa Norte del Perú*. Lambayeque: Unidad Ejecutora 005 Naylamp Lambayeque, 2012.
- ALVA-MENESES, Ignacio. Arqueología. In: Alva MENESES, Ignacio. (org.). *Ventarrón y Collud: origen y desarrollo de la civilización en la Costa Norte del Perú*. Lambayeque: Unidad Ejecutora 005 Naylamp Lambayeque, 2012.
- ARCURI, Marcia. *Os sacerdotes e o culto oficial na organização do Estado Mexica*, 2003. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- ARCURI, Marcia. El Occidente no vio el Sol Nocturno: el papel de la dualidad complementaria de las fuerzas cósmicas en la organización política de las jefaturas amerindias. In: ROJAS, Alcántara Berenice; NAVARRETE, Federico Linares. (orgs). *Los pueblos amerindios: más allá del Estado*. Ciudad de México. Universidad Autónoma de México, p. 17-47, 2011. v. 1.
- ARCURI, Marcia. Paisaje y monumentalidad en Ventarrón: nuevos aportes al debate acerca del origen del “Estado” en el Periodo Inicial Andino. In: MENESES, Ignacio Alva. (org.). *Ventarrón y Collud: origen y desarrollo de la civilización en la Costa Norte del Perú*. Lambayeque: Unidad Ejecutora 005 Naylamp Lambayeque, 2012.
- ARCURI, Marcia. Estrutura, reprodução e transição: diferentes olhares sobre a cultura material arqueológica Pré-Colombiana. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 20, p. 17-22, 2015.
- ARCURI, Marcia.; MENESES, Ignacio; MURRIETA, Rui. Cosmografia e movimento nas estruturas ameríndias: uma reflexão interdisciplinar sobre os processos de complexificação social na Amazônia e nos Andes. In: PAISAGENS DO MOVIMENTO: UMA REFLEXÃO INTERDISCIPLINAR SOBRE A PLURALIDADE E OS SIGNIFICADOS DAS PAISAGENS, 2013, São Paulo. *Simpósio [...] São Paulo: Universidade de São Paulo*, 2013.
- ARCURI, Marcia et al. *Relatório das intervenções arqueológicas realizadas sobre estruturas de combustão da Huaca Ventarrón, no âmbito do Projeto de Conservação do Complexo Arqueológico Huaca Ventarrón, Collud-Zarpan*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), jan. 2018.
- BRACAMONTE-LÉVANO, Edgar. *Huaca Santa Rosa de Pucalá y la organización territorial del valle de Lambayeque*. Lima: Ministério de Cultura del Perú, 2015.
- BUENO, Flávia. *Sobre altares, fogões e lixeiras: Recursos e simbologia nas queimas do centro cerimonial Huaca Ventarrón*, 2020. Tese (Mestrado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.
- CAMERON, Catherine. Structure Abandonment in Villages. *Archaeological Method and Theory*, [s. l.], v. 3, p. 155-194, 1991.
- CAMERON, Catherine; TOMKA, Steve. *Abandonment of Settlements and Regions: Ethnoarchaeological and Archaeological Approaches*. New York: Cambridge University Press, 1993.

- COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre a percepção das paisagens. In: NEGREIROS, Carmem; IDA, Alves; LEMOS, Masé. (orgs.). *Literatura e paisagem em diálogo*. Rio de Janeiro: Makunaima, 2012.
- COSGROVE, Denis. *Social Formation and Symbolic Landscape*. London: Croom Helm, 1984.
- COSGROVE, Denis. Landscape and Landschaft. *GHI Bulletin*, Washington, DC, n. 35, p. 56-71, 2004.
- COSGROVE, Denis. Modernity, Community and the Landscape Idea. *Journal of Material Culture*, London, v. 11, n. 1-2, p. 49-66, 2006.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). *Geografia cultural: uma antologia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 219-238.
- COLWELL-CHANTHAPHONH, Chip; FERGUSON, T. J. Rethinking Abandonment in Archaeological Contexts. *The SAA Archaeological Record*, Tucson, v. 6, n. 1, p. 37-41, 2006.
- COSGROVE, Denis. *Social Formation and Symbolic Landscape*. London: Croom Helm, 1984.
- DARRAS, Véronique. La arqueología del abandono: algunos apuntes desde Mesoamérica. *TRACE*, Ciudad de México, n. 43, p. 11-24, 2003
- FAGUNDES, Marcelo. Uma geografia arqueológica em Serra Negra: construções, conexões, histórias e causos Laepianos. In: FAGUNDES, Marcelo. (org.). *Paisagem e Arqueologias em Serra Negra, Espinhaço Meridional, Minas Gerais*. Curitiba: CRV, p. 31-72, 2021.
- FAGUNDES, Marcelo. Natureza e cultura: estudo teórico sobre o uso conceito de Paisagem nas Ciências Humanas. *Tarairiú*, Campina Grande, v. 1, n. 7, p. 32-54, 2014.
- FAGUNDES, Marcelo; ARCURI, Marcia; BANDEIRA, Arkley; GRECO, Wellington Santos. Paisagem e suas interfaces em pesquisas sobre Arte Rupestre: um estudo de caso em Serra Negra, Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais, Brasil. *Revista de Arqueologia*, Pelotas, v. 34, n. 2, p. 71-103, 2021.
- FAGUNDES, Marcelo; GONTIJO, Bernardo; ARCURI, Marcia; MENESES, Ignácio; VASCONCELOS, Alessandra; BUENO, Flávia. Marcos sociogeográficos e arqueologia de Ventarrón-Collud: fisiografia, lugares persistentes e paisagem para compreensão das ocupações humanas na costa norte peruana. *Revista GeoUECE*, Itaperi, v. 9, n. 17, p. 24-48, 2020.
- FAGUNDES, Marcelo; ARCURI-SUÑER, Marcia; GONTIJO, Bernardo; VASCONCELOS, Alessandra; BUENO, Flávia; MAFRA, Luís Fernando. As estruturas arqueológicas em Cerro Ventarrón: marcos sociogeográficos, lugares e paisagem durante o Formativo Inicial, Lambayeque, Peru. *Revista Espinhaço*, Diamantina, v. 8, n. 2, p. 13-24, 2019.
- FIGUEIREDO, Marcio. *Arqueologia andina no Vale de Lambayeque: um estudo dos contextos cerimoniais, variabilidade cerâmica e estilos arquitetônicos das ocupações do Período Tardío*. 2019. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- FUCHS, Peter; PATZCHKE, Renate; SCHMITZ, Claudia; YEQUE, Germán; BRICEÑO, Jesús. Investigaciones arqueológicas en el sitio de Sechín Bajo, Casma. *Boletín de Arqueología PUCP*, Lima, v. 10, p. 111-135, 2006.
- FUX, Peter. El concepto de “sociedad compleja” el la arqueología del nuevo mundo. In: FUX, Peter. *Chavín: Peru's Enigmatic Temple in the Andes*. Zürich: Scheidegger and Spiess, p. 26-39, 2015.
- GILLESPIE, Susan. Ballgames and Boundaries. In: SCARBOROUGH, Vernan; WILCOX, David. *The Mesoamerican Ballgame*. Tucson: University of Arizona Press, p. 318-345, 1991.
- GAVAZZI, Adine. *Levantamiento arquitectónico de Huaca Ventarrón: metodología y morfologías*. In: ALVA MENESES, Ignácio. (org.). *Ventarrón y Collud: origen y desarrollo de la civilización en la Costa Norte del Perú*. Lambayeque: Unidad Ejecutora 005 Naylamp Lambayeque, 2012.

- GOLTE, Jürgen. *Moche, cosmología y sociedad: una interpretación iconográfica*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2009.
- HARRISON, Rodney. Beyond “Natural” and “Cultural” Heritage: Toward an Ontological Politics of Heritage in the Age of Anthropocene. *Heritage & Society*, London, v. 8, n. 41, p. 24-42, 2015.
- HARRISON, Rodney. On Heritage Ontologies: Rethinking the Material Worlds of Heritage. *Anthropological Quarterly*, Washington, DC, v. 91, n. 4, p. 1365-1383, 2018.
- INGOLD, Tim. The Temporality of the Landscape. *World Archaeology*, London, v. 25, n. 2, p. 152-174, 2010.
- INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre o movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- KAULICKE, Peter. La economía en el período formativo. In: LUMBRERAS, Luis; SANTILLANA, Julián; KAULICKE, Peter; ESPINOZA, Waldermar. *Compendio de Historia Económica del Perú*. Economía Prehispánica. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, p. 137-230, 2008.
- LANGE, Frederick. Push-Pull Archaeological Abandonment Behaviors in Lower Central America. In: INOMATA, Takeshi; WEBB, Ronald. *The Archaeology of Settlement Abandonment in Middle America*. Salt Lake City: The University of Utah Press, 2003.
- MAKOWSKI, Krzysztof. La arquitectura pública del periodo Precerámico Tardío y el reto conceptual del urbanismo andino. *Boletín de Arqueología PUCP*, Lima, v. 10, p. 167-199, 2006.
- MORGAN, Catherine. Archaeology of Memory or Tradition in Practice? In: ALROTH, Brita; SCHEFFER, Charlotte. *Attitudes Towards the Past in Antiquity*. Creating Identities. Stockholm: Stockholm University, 2014.
- ORLOVE, Benjamin; CHIANG, John; CANE, Mark. Forecasting Andean Rainfall and the Crop Yield from the Influence of El Niño on the Pleiades Visibility. *Nature*, [s. l.], v. 43, p.68-71, 2000.
- ROSTWOROWSKI, María. *Estructuras políticas y económicas de la costa central del Perú precolombino*. Lima: Instituto de Estudios Peruano, 2016.
- SANTILLANA, Julián. Economía prehispánica en el área andina: período Intermedio Temprano, Horizonte Medio y período Intermedio Tardío). In: LUMBRERAS, Luis; SANTILLANA, Julián; KAULICKE, Peter; ESPINOZA, Waldermar. *Compendio de historia económica del Perú: economía prehispánica*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, p. 231-314, 2008.
- SCHIFFER, Michael. *Formation Processes of the Archaeological Record*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.
- SHADY, Ruth; LEYVA, Carlos. *La ciudad sagrada de Caral-Supe: los orígenes de la civilización andina y la formación del Estado prístino en el antiguo Perú*. Lima: Instituto Nacional de Cultura/Proyecto Especial Arqueológico Caral-Supe, Lima. 2003.
- SOARES, Débora. Working with Huacos: Archaeological Ceramics and Relationships Among Worlds in the Peruvian North Coast. *Journal of Social Archaeology*, London, v. 21, n. 3, p. 1-21, 2021.
- SWENSON, Edward. The Materialities of Place Making in the Ancient Andes: A Critical Appraisal of the Ontological Turn in Archaeological Interpretation. *Journal of Archaeology Method and Theory*, [s. l.], v. 22, n. 3, p. 677-712, 2014.
- TRONCOSO, Andres. Espacio y Poder. *Boletín de la Sociedad Chilena de Arqueología*, Lima, n. 32, p. 10-23, 2001.
- WILSHUSEN, Richard. The Relationship Between Abandonment Mode and Ritual Use in Pueblo I Anasazi Protokivas. *Journal of Field Archaeology*, London, v. 13, n. 2, p. 245-254, 1986.

VÁSQUEZ, Victor; ROSALES, Teresa. Restos de fauna y vegetales en la unidad – IIIX. In: ALVA MENESES, Ignacio. (org.). *Ventarrón y Collud: origen y desarrollo de la civilización en la Costa Norte del Perú*. Lambayeque: Unidad Ejecutora 005 Naylamp Lambayeque, 2012.

VEGA-CENTENO, Rafael. Arquitectura pública del Arcaico Tardío em el Valle Fortaleza: reflexiones sobre las sociedades complejas tempranas en la Costa Nor-Central. *Arqueología y Sociedad*, Lima, n. 15, p. 33-60, 2004.